

Apresentação

Este número de *Calidoscópio* apresenta mais uma amostra significativa da contribuição que pesquisadores de diferentes linhas teóricas e objetos de estudo têm trazido para a reflexão no campo aplicado.

Inicia com a incursão em artigos, capítulos e teses de mulheres, feita por Joana Plaza Pinto e Suzana Costa Badan em busca das discussões feministas centralizadas na linguagem no contexto brasileiro. As autoras evidenciam, nesse percurso, a instituição de um campo relativamente homogêneo de produção de conhecimento que articula descrição linguística e práticas identitárias feministas, o que as leva a concluir que as feministas colocaram a identidade no âmago da ciência, não como objeto, mas como articuladora dos princípios de pesquisa.

O texto seguinte, “Práticas interacionais na escola: a negociação de uma identidade rural”, analisa dados resultantes de uma pesquisa etnográfica, realizada por Jake-line Aparecida Semechechem e Neiva Maria Jung, em uma comunidade multilíngue do Sul do Brasil, fundamentada na Sociolinguística Interacional. As autoras evidenciam que a análise no plano microanalítico de práticas interacionais escolares, como as que envolvem a participação e o gerenciamento de identidades sociais, mostra-se produtiva para indicar as relações e conflitos macrosociais que constituem os membros de uma comunidade.

O artigo “*VEJA* o fim do arco-íris – uma análise do artigo ‘A geração tolerância’ e a construção de identidades homossexuais”, de Gersiney Pablo Santos e Viviane de Melo Resende, fundamenta-se na Análise de Discurso Crítica, em interlocução com os estudos de ideologia e mídia de Thompson e com a teoria de identidade de Hall, para analisar a representação de jovens homossexuais feita em uma matéria de capa, publicada em maio de 2010, pela revista *Veja*, com o objetivo de apresentar um “retrato” da geração de jovens homossexuais no início do século vinte e um. Os resultados do estudo apontam que a revista, embora de modo velado, legitima estereótipos combatidos por movimentos sociais.

Dentro desse mesmo tema, Vivian Lemes Moreira, Gustavo Grandini Bastos e Lucília Maria Sousa Romão buscam elementos na Análise do Discurso de linha francesa para analisar efeitos de sentido em jogo no discurso sobre homossexualismo em postagens feitas em um blog em novembro de 2011. No artigo “Discurso homofóbico em blogs: tessituras da violência e(m) rede”, os autores discutem os sentidos de violência inscritos na rede eletrônica, tomada pelo imaginário como um espaço em que tudo pode ser dito.

Em “Restricciones léxicas de los constituyentes de anécdotas en entrevistas de admisión”, Grisel Salmaso focaliza as instâncias narrativas em entrevistas de admis-

são em saúde mental pública do centro infanto-juvenil da Província de Mendoza, Argentina. Para tanto, redefine as categorias de gêneros narrativos, definidas por Labov; Labov e Walezky; Plum; Martin e Rose, para adaptá-las à oralidade espontânea e co-produzida nas entrevistas de admissão.

Carolina Scali Abritta e Maria do Carmo Leite de Oliveira, em seu artigo “Os Jeitinhos para se chegar a um acordo”, analisam interações realizadas no contexto do PROCON e dos Juizados Especiais de Consumo, propondo o conhecido *jeitinho* brasileiro como uma das ações utilizadas por mediadores em audiências de conciliação envolvendo lides de consumo para facilitar acordos. O estudo, feito com base na Análise da Conversa, na Sociolinguística Interacional e em literatura antropológica sobre o *jeitinho*, mostra os tipos de *jeitinho* usados pelo mediador para realizar o mandato institucional do encontro.

A dinâmica interacional da contagem de histórias por pessoas com afasia em uma interação face a face é o tema do texto “Aspectos da dinâmica interacional da narração de histórias por pessoas com afasia”, de Liliana Cabral Bastos e Livia Miranda de Oliveira. Com base em perspectivas estruturais e interacionais do estudo da narrativa conjugadas a uma abordagem sociointeracional da dinâmica dos enquadres e *footings*, as autoras analisam como as participantes com afasia se inserem nessa dinâmica e de que recursos lançam mão para se posicionarem como narradoras.

O artigo seguinte, “Interação social e etnografia: sistematização do conceito de *construção conjunta de conhecimento* na fala-em-interação de sala de aula”, tem por objetivo examinar o conceito de construção conjunta de conhecimento em trabalhos desenvolvidos entre 2006 e 2010 no âmbito do Grupo de Pesquisa ISE – Interação Social e Etnografia. Seus autores, Pedro M. Garcez, Ingrid Frank e Andréia Kanitz, procuram mostrar como esse conceito é entendido no conjunto de estudos feitos nesse período. O estudo evidencia que a construção conjunta de conhecimento, em boa parte dos segmentos analisados, se apresenta como emergente e situada nas contingências do trabalho interacional dos participantes naquele momento.

Encerrando a seção de artigos, Marco Túlio de Urzêda Freitas e Rosane Rocha Passos apresentam rupturas e continuidades teóricas do conceito de *Linguística Aplicada Crítica*, valendo-se dos princípios da Historiografia Linguística. Os cinco tipos de política sugeridos por Alastair Pennycook, na obra *Critical Applied Linguistics: a critical introduction*, são descritos e analisados com base em pressupostos teóricos da Linguística Aplicada. A conclusão do estudo “Rupturas e continuidades na Linguística Aplicada Crítica: uma abordagem historio-

gráfica” destaca que esses cinco tipos de política apontam para a politização dos estudos em Linguística Aplicada e, ao mesmo tempo, para a continuidade das reflexões que buscam legitimar a cientificidade e a relevância social desse campo de pesquisa.

Por fim, na entrevista que Ana Cristina Ostermann faz a Celia Kitzinger, discute-se o que é análise da conversa feminista, análise da conversa aplicada e análise da conversa canônica. Kitzinger explica e exemplifica as relações entre as pesquisas colocadas sob essas distinções, bem como ressalta que seu trabalho, tanto sobre feminismo quanto sobre diversas questões de uso da linguagem, também de se vale de outras perspectivas teórico-metodológicas, dependendo das perguntas que se

propõe a responder. Na entrevista, também se discute a relação entre pesquisa e política, pesquisa e compromissos ou objetivos sociais do pesquisador, de modo que o leitor poderá encontrar muitos pontos de contato entre esta rica interlocução e os artigos incluídos neste número.

Reafirma-se, pois, neste número de *Calidoscópio*, a vitalidade da Linguística Aplicada, sua capacidade de integrar disciplinas em torno da reflexão sobre temas atuais, consolidando, assim, um modo de fazer ciência que toma a linguagem de forma contextualizada para dizer sobre o mundo e sobre os sujeitos que o habitam.

Marlene Teixeira